

Teatro, cinema e streaming celebram Pasolini

PÁGINA 4



Chico César abre programação do Claro Verão Rio

PÁGINA 6



Conheça seis restaurantes onde a vista é atração

PÁGINAS 14 E 15



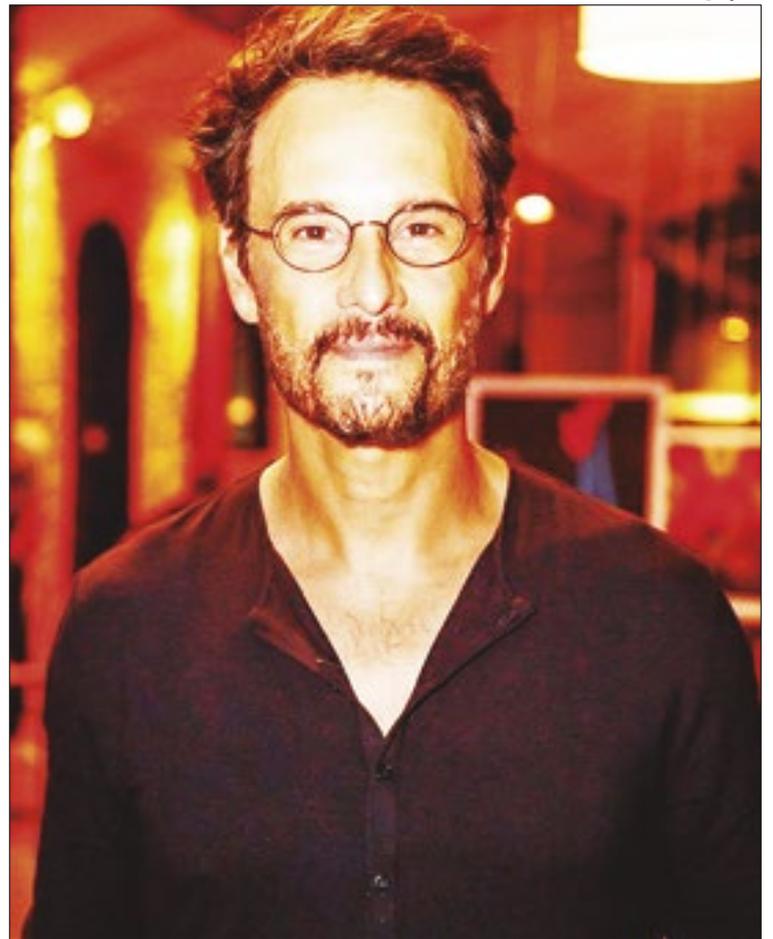
2° CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Rodrigo Santoro vive uma tartaruga marinha com mania de organização na animação 'Bizarros Peixes das Fossas Abissais', de Marão

Fotos/Divulgação



Voz que faz toda a diferença

Com sólida carreira no exterior, prestes a brilhar na Netflix em 'Bom Dia, Verônica', Rodrigo Santoro interpreta uma tartaruguinha com TOC em longa do animador Marão

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Prestes a assombrar a Netflix na nova temporada de "Bom dia, Verônica", agendada para o dia 14 de fevereiro, Rodrigo Santoro vai animar o cinema brasileiro a partir deste fim de semana sob o

casco de um quelônio ranzinza, obcecado por organização, no desenho "Bizarros Peixes das Fossas Abissais".

É o primeiro longa-metragem de um dos mais respeitados (e premiados) diretores do país, Marcelo Marão, chamado de "o Walt Disney de Nilópolis". Seu currículo soma 127 prêmios e passagens por 667 festivais pelo mundo, com curtas como "Até a China" (2015).

A saga de uma super-heroína (interpretada vocalmente pela atriz Natália Lage), cujo bumbum se transforma num símio gigante, vai ser exibida neste domingo, numa sessão às 11h, no Estação NET Rio. Na mesa data, à tarde, tem projeção (na praça) na Mostra de Tiradentes (MG). No dia 25, acontece a estreia oficial da produção, num circuito de 20 cidades brasileiras coberto

por sua distribuidora, a Vitrine Filmes. Ao lado da vigilante de região glútea mutante há uma nuvem com incontinência pluviométrica (encarnada pelo gogó de Guilherme Briggs, dublador do Rei Julien de "Madagascar") e o personagem de Santoro, que anda feliz da vida por dar o ar de sua graça – e de seu talento – à animação nacional. Há 13 anos, ele brilhou nessa seara, depois de ter atuado em "Rio" (2011), de Carlos Saldanha, vivendo um ornitólogo animado. Dublou a si mesmo em português.

"Tive a oportunidade de trabalhar com dois grandes animadores,

que são Saldanha e o Marão. Eu sempre adorei desenhos animados e, até hoje, assisto animação, pois, agora, com uma filha de seis anos, ainda estou descobrindo muita coisa", diz Santoro, por e-mail, ao Correio da Manhã. "Quando fui menino, vivíamos a época dos Smurfs, do Pica-pau, do Pernalonga, do Papa-léguas... e tinha o grande 'Caverna do Dragão'. Desse, só depois de muito tempo, fui descobrir a moral da história!", diz o astro de "7 Prisioneiros" (2021), referindo-se à mítica em torno do Mestre dos Magos e do Vingador.

Continua na página seguinte

Divulgação



Santoro com o cineasta Marão e o dublador Guilherme Briggs durante as gravações das vozes para o longa do diretor

Um pé no Brasil e outro em Hollywood

Há 24 anos, quando era visto como um galã nas novelas da Globo, Santoro estrelou “Bicho de Sete Cabeças”, de Laís Bodanzky, um dos maiores cults da Retomada – hoje na Netflix. O filme deu a ele o troféu Candango no Festival de Brasília (onde ele ganharia mais um prêmio desses em 2011, por “Meu País”). Ali, redefiniu sua carreira, que ganhou uma natureza anfíbia – metade hollywoodiana, metade brasileira – a partir de sua aparição em “As Panteras: Detonando”, “Em Roma na Primavera” e “Simplesmente Amor”.

Em 2007, o fenômeno de bilheteria de “300”, de Zack Snyder, no qual ele vive o imperador persa Xerxes, transformou seu nome numa

grife de boa acolhida no exterior. Passou pelo seriado “Lost” e filmou com Roland Joffé, Philip Kaufman, Steven Soderbergh, David Mamet, Pablo Trapero e mais uma leva de autores. Fez animação também com Luiz Bolognesi, cedendo seu vozeirão (ao lado de Camila Pitanga e Selton Mello) ao aclamado “Uma História de Amor e Fúria”, ganhador do troféu Cristal de Melhor Filme no Festival de Annecy, em 2013 – que está na Netflix.

Agora, é a vez de Marão, que recebeu uma menção honrosa no Festival do Rio por “Bizarros Peixes das Fossas Abissais”, além de láureas na Suécia, na Argentina e em Portugal. “O Marão é uma das maiores referências da animação brasileira no mundo, além de ser uma pessoa maravilhosa, absolutamente apa-



Santoro como Jeronimo na série ‘Bom Dia, Verônica’

xonado pela arte de animar quadro a quadro na caneta e papel. Minha personagem é muito divertida: uma tartaruga extremamente mal-humorada que tem TOC”, conta Santoro.

“O processo foi diferente de fazer o ‘Rio’, do Carlos Saldanha. Gravei com Marão numa primeira longa sessão, mas ainda sem estar animado, apenas com o conceito e a base da personagem. Depois de

muitos anos – e, sinceramente, eu perdi até a conta de quanto tempo demorou -, voltei ao filme e ajustei. Agora, trabalhei com algumas coisas em cima da animação já pronta. Eu me diverti muito vendo o resultado”.

Para Marão, o processo também foi uma festa. “O aspecto mais importante desse filme para mim é que eu só trabalhasse com pessoas que eu amo em todos os cargos da produção, incluindo a direção das vozes”, diz o animador. “Exibi um curta meu, há muitos anos, antes do ‘Bicho de Sete Cabeças’, num festival em que o Rodrigo estava com um curta, no qual fazia um cavaleiro (“Depois do Escuro”, de Dirceu Lustosa). Ele e eu estávamos começando ali e eu cruzei com a figura dele, na telona, também me festivais, quando o filmaço da Laís Bodanzky fazia o nome dele explodir. Sempre quis filmar com ele e fiquei muito feliz que isso acontecesse no meu longa de estreia. Quando liguei pra ele, para ver se o santo batia, ele me ouviu atentamente, sem desligar, com toda atenção. Na gravação do ‘Bizarros Peixes...’, ele era humilde e solícito, sempre trocando com o Briggs, um gigante da dublagem, com grande experiência na direção de vozes. Santoro é uma junção única de talento e humildade”.

Best-seller absoluto da literatura policial brasileira atual, ganhador do troféu Jabuti com “Uma Mulher no Escuro”, o romancista, roteirista e diretor Raphael Montes concorda com Marão. “Santoro é um ator criativo e parceiro, que mergulha profundamente nos personagens que faz. Em ‘Bom Dia, Verônica’, nós selecionamos cinco cenas mais importantes de seu personagem, Jerônimo, e lemos juntos, pensando cada frase, debatendo cada escolha de palavra. O texto amadureceu, e Santoro está gigante em cena”, diz Raphael.

Sempre com a agenda cheia, Santoro antecipa seus planos para 2024: “O ‘Bom Dia, Verônica’ estreia no dia 14 de fevereiro e depois, nos próximos meses, vai estrear o filme ‘O Outro Lado Do Céu’, que fiz com Gabriel Mascaro lá na Amazônia”.

Alisson Louback/Divulgação Netflix

ENTREVISTA / PATRÍCIA CHAMON, PRODUTORA

‘Entrar no universo de Maurício de Sousa é mágico’

Marcelo Moscardi/Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Um dos motivos que cacifam “Turma da Mônica Jovem: Reflexo do Medo” como um candidato a blockbuster, nesta atual fase de bonança do cinema brasileiro (via “Minha Irmã e Eu” e “Mamonas Assassinas: O Filme”), é a presença de Patrícia Chamon como produtora executiva dessa incursão ao universo da Maurício de Sousa Produções. Ela assina o cargo com Denise Machado.

A evocação respeitosa que seu nome hoje recebe do audiovisual se deve ao bom resultado que alcançou em 2023, em fase de atolamento para a carreira comercial de longas-metragens nacionais. No primeiro semestre, ela reinou soberana como a maior bilheteria do país, à força de “Desapega”, dirigido por Hsu Chien Hsin. Na sequência, mobilizou a mídia com “O Porteiro”, que não bombou na venda de ingressos, mas fez disparar o prestígio de Alexandre Lino.

Colegas de set, elogiam a forma firme e fina com que ela produz. “Filmamos ‘Desapega’ em plena pandemia, e a produtora Patrícia Chamon foi fundamental para dar conforto e energia positiva para a equipe e elenco no set, num momento de nossas vidas que foi bem difícil”, diz Hsu. “Devo muito ao profissionalismo e à paixão de Patrícia pelo audiovisual, que trouxe uma produção muito diferenciada”, reforça.

Em junho, Patrícia ainda integrou o júri do Festival de Vassouras, ampliando seus saberes. Parte delas ela compartilha com a gente no papo a seguir.

Que lugar a Turma da Mônica ocupa no imaginário brasileiro e qual é o desafio de representar os personagens em fase de adolescência?



Patrícia Chamon na Pré-estreia paulista de Turma da Mônica Jovem

Patrícia Chamon: A Turma da Mônica faz parte da vida do povo brasileiro e esse lugar é um desafio dos bons, porque somos ao mesmo tempo fãs encantados deste universo e somos profissionais buscando dar o melhor para o nosso ídolo (referência a Maurício de Sousa), que nos acompanha desde a infância. Entrar no universo de Maurício de Sousa é mágico. Representar essa fase adolescente foi o menos difícil, pois falamos de amizade, de amor, de união e do quão importante é preservar esses laços, por vezes, adormecidos.

Como se produz um filme baseado em HQs nestes tempos de Marvel e DC e de que forma se deu o trabalho com Maurício de Sousa?

Foram sete anos de desenvolvimento, iniciados pela produtora Denise Machado, para conhecimento e intimidade com o Universo Mauricio de Souza. Precisamos mergulhar e conhecer cada detalhe dos personagens. Com a MSP, o trabalho foi incrível, eles foram sempre generosos e dedicados para este filme, que inicia uma quadrilogia. É importante destacar a emoção que vivemos em cada dia desse processo. Na pré-estreia, ver a carinha dos fãs no cinema deixou o coração quentinho

O sucesso de “Desapega” catapultou seu nome para os holofotes. Como você avalia a atual realidade do mercado de cinema no Brasil?

“Desapega” foi e será sempre um xodó no meu coração. A generosidade de talentos como Glória Pires, Hsu Chien e toda uma equipe, neste filme feito em plena pandemia, fazem crer que o cinema será eterno.

Qual é a importância da Imagem como sua parceira de criação?

A Imagem é minha parceira dessa e de muitas produções, por acreditar na produção independente, fomentar o filme nacional e entender que cinema gera empregos, entretenimento e cultura.

Quais são seus próximos projetos?

Este ano temos “Resta Um”, de Fernando Ceylao; “Por Um Fio”, adaptação do livro homônimo de Drauzio Varela; “Rei da Feira”, uma comédia para toda família com Leandro Hassum e grande elenco; o remake de “Cartas para Deus”, o “Turma da Mônica Jovem 2”; e “Authentic Games”, uma animação para a Disney.

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Inimigo jurado do fascismo, empático ao proletariado sobre todas as coisas, Pier Paolo Pasolini (1922-1975) terá trechos de sua intimidade, de sua peleja incessante pela livre expressão e de sua luta pela arte como espaço de transgressão encenados no palco do Teatro Glauce Rocha, no Centro, a partir desta sexta com o espetáculo “Pasolini - No Deserto da Alma”.

Até 4 de fevereiro, às sextas e sábados, às 19h, e aos domingos, às 18h, o diretor Francis Mayer conta ao público das artes cênicas cariocas os percalços que marcaram a obra do poeta, dramaturgo e cineasta italiano, assassinado aos 75 anos, na praia de Óstia. A Amazon Prime pôs faz pouco um de seus melhores filmes em streaming: “As Mil e Uma Noites”, ganhador do Grande Prêmio do Júri do Festival de Cannes de 1974.

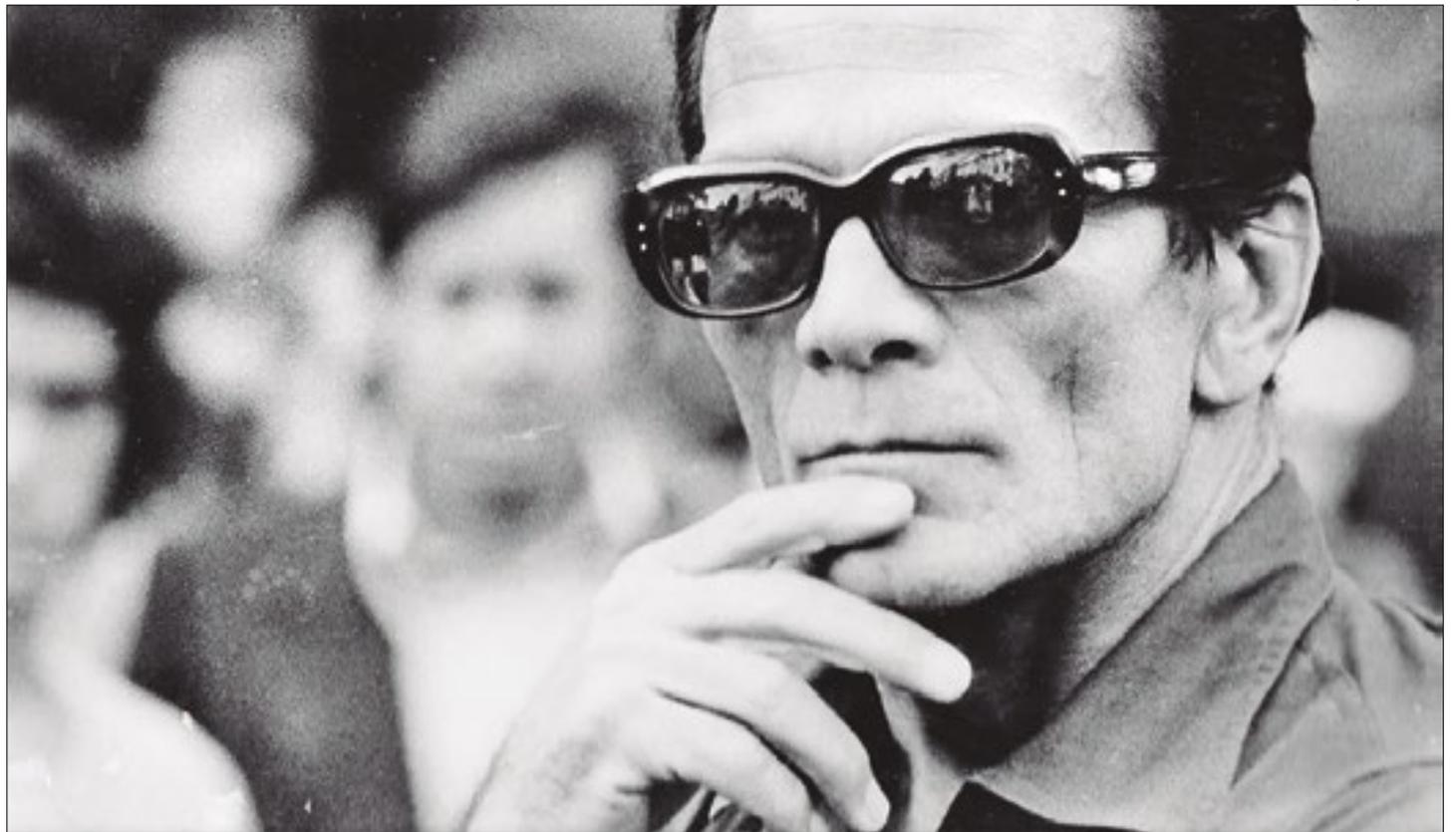
Multiartista, Pasolini se apresentava como “escritor”, tendo escrito poemas e peças e publicado livros seminais como “Amado Meu” (publicado postumamente há 42 anos). Dá para comprar via Amazon Prime a antologia de suas poesias editadas pela Cosac & Naify, e uma garbosa coletânea da Editora 34 de seus “Escritos Corsários”, com textos publicados na imprensa italiana entre 1973 e 1975, discutindo os movimentos estudantis de 1968, a decadência da Igreja Católica e as relações entre governo e máfia na Itália.

Na indústria cinematográfica, Pasolini fez sucesso comercial e gerou controvérsias, sempre no embate contra os tabus da fé, da moral e do preconceito, afirmando o querer e a liberdade LGBTQIAPN+. “Os Contos de Canterbury” (Urso de Ouro de 1972) e “O Evangelho Segundo São Mateus” (Prêmio Espacial do Júri no Festival de Veneza, em 1964) estão entre suas produções mais aclamadas.

No palco, Mayer promete reviver essas façanhas do realizador de “Pocilga” (1969) e “Teorema” (1968) focado nos seus momentos mais intensos, apostando num formato confessional, no qual propõe uma conversa com o público. Maurício Silveira assume o papel central, numa promessa de uma atuação tocante – como inerente à fina condução de elencos feitas pelo encenador.

Os relacionamentos do cineasta são retratados a partir do trato com dois amores: Ninetto Davoli e Giuseppe Pelosi, encarnados por Léo San e Diego Rosa. Rose Scalco entra em cena em dois papéis.

“Num país católico-fascista, Pasolini ou sou exprimir sua visão do mundo inspirada pelo desejo físico dos jovens rapazes do cam-



Pasolini, o cineasta, encarou a censura e a truculência fascista

Pasolini nas alturas

Peça, curta-metragem e plataforma de streaming revivem o legado do diretor italiano que desafiou moralismos, à direita e à esquerda, celebrando o desejo em cults como ‘Pocilga’

po e da periferia, introduzindo sua fúria sexual na literatura e no cinema”, diz Mayer no material promocional na peça. “Homossexual assumido, artista polêmico, pagou caro por sua coragem: escândalos, processos e, por último, numa noite de novembro foi vítima de um assassinato brutal e misterioso que ainda hoje gera dúvidas sobre seus reais motivos e autores. Porém, recentemente, o processo foi reaberto para averiguação de novas provas que podem atestar como crime político pela ocorrência de fatos diferentes daqueles narrados pelo jovem que se entregou afirmando ser o culpado”, prossegue o texto.

No cinema brasileiro, Luiz Carlos Lacerda, o Bigode, tem um filme arrebatador sobre

Pasolini para lançar em TVs e plataformas: “Celebrazione”. É um curta-metragem rodado no Rio, entre a Lapa e o Arpoador, em 2022, estruturado como se fosse uma carta de amor a esta cidade, ao cinema e, antes de tudo, à irreverência pasoliniana. Na praia, o diretor, mais conhecido como Bigode, rodou o momento em que um dos mais revolucionários criadores do audiovisual, à força de cults como “Salò, ou Os 120 Dias de Sodoma” (1975), apresenta as belezas da cidade à sua amiga, a cantora lírica Maria Callas (1923-1977). Zulma Mercadante vai viver Callas e Erom Cordeiro encarna Pasolini, numa produção pilotada por Cavi Borges, feita na guerrilha absoluta.

“Pasolini tomou posições polêmicas, mas sempre corajosas, ao perceber na sociedade uma mudança do fascismo para o consumismo”, disse Erom, ao Correio da Manhã, durante as filmagens. “Não sei como ele iria reagir a este mundo que temos hoje”.

Em “Celebrazione”, Bigode, diretor do premiado “For All – O Trampolim da Vitória” (1997), revê uma paixão que Pasolini viveu no Rio por um jovem soldado, Joaquim, interpretado por Marcelo Cavalcanti. O rapaz leva seu amante italiano às favelas, sobre as quais o cineasta escreveu um poema. “O texto desses versos compara os meninos prostitutos de Roma com um rapaz que ele conheceu em Copacabana.

Há uma analogia entre a pobreza italiana com a das favelas onde foi levado por Joaquim e os dois fascismos – o brasileiro, na sua versão de 1970, da ditadura escancarada, e o italiano, responsável por seu assassinato, na praia de Ostia em 1975”, explica Bigode. “Com ‘O Evangelho Segundo São Mateus’, Pasolini mostrou ao cinema um Cristo revolucionário”.

CRÍTICA / CINEMA / OS REJEITADOS

Muito além do jardim da disfuncionalidade

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

É impossível singrar as águas salobras de “Os Rejeitados” (“The Holdovers”) sem pensar em dois filmes seminais da chamada Nova Hollywood - o período compreendido entre 1967 e 1981, quando o cinema americano passou por uma hemodiálise moral. Dois longas maturados no formol da excelência: “Ensina-me a Viver” (1971) e “Muito Além do Jardim” (1979). Existe na recém-lançada dramédia de Alexander Payne um pouco da história vista em “Ensina-me...”, sobre um menino que não sabe lidar com a rejeição familiar, apelando para bizarrices a fim de se proteger das perdas. Existe também faíscas de “Muito Além...”, no caso do solitário videota amadurecido que, isolado do mundo sob uma bolha analgésica, precisa cair na estrada e reaprender a viver com sua genial ignorância. Esses são os perfis do jovem Angus Tully (vivido por Dominic Sessa) e do professor Paul Hunham, papel laureado com o Globo de Ouro de Melhor Ator, fazendo de Paul Giamatti um favorito ao Oscar 2024. É o papel de uma vida, fato, o que significa mais do que retórica quando se trata do astro de “American Splendor” (2003) e de “A Minha Versão do Amor” (2010).

Giamatti volta a trabalhar, nesse tocante ensaio sobre a desconexão, com Alexander Payne, o mais maduro cronista da inércia no cinema indie dos EUA desde “Ruth Em Questão” (1996). A dupla esteve junta em “Sideways – Entre Umas e Outras”, há 20 anos.

A referência aos dois longas da década de 1970 supracitados gera



Divulgação

Uma família bem disfuncional é retratada por Alexander Payne em ‘Os Rejeitados’

um amalgama com uma das vozes autorais que mais (e melhor) servem de calço ao tipo de narrativa explorada por Payne, diretor das joias “As Confissões de Schmidt” (2003) e “Nebraska” (2013), nos últimos 30 anos: a filmografia de Hal Ashby (1929-1988). Ele dirigiu o clássico com Ruth Gordon (1896-1985) e o cult com Peter Sellers (1925-1980) citados em nosso primeiro parágrafo.

Todas as vezes que os nomes seminais do Cinema Novo Estadunidense são citados, Francis Ford Coppola, Brian De Palma, Martin Scorsese, George Lucas e Steven Spielberg são os mais festejados. Mas todos eles falam de Ashby como um irmão mais velho. O irmão aquariano, pacifista, que enxergava beleza naquilo que se chama de rotina e torcia pelos perdedores.

Quando Coppola estava prestes a falar da Guerra do Vietnã sob uma perspectiva épica, com “Apocalypse Now” (1979), Ashby apareceu antes dele com um drama que abordava o conflito sem farda, da ótica dos que se feriram: “Amargo Regresso” (1978). A tórrida paixão entre um cadeirante ferido no front (Jon Voight) e uma voluntária num hospital de caserna (Jane Fonda), casada com um militar bolsomion (Bruce Dern), rendeu o mais doce libelo pacifista do fim da década de 1970 nos Estados Unidos. O próprio Ashby já havia tangenciado a mesma beleza, no mesmo tema, com “A Última Missão” (1973), dando a Jack Nicholson a tarefa de esculhambar o militarismo. O foco de Ashby – como é o de Payne – é a sensação de que lutar contra a vida nem sempre nos rende grandes vitórias, ainda que, invariavelmente,

renda lições redentoras. A luta de classes sempre esteve em sua mirada (vide “Esta Terra É Minha Terra”, de 1976), assim como o racismo, sempre denunciado em seus longas.

Não por acaso, toda analogia que se faça entre “Os Rejeitados” e o legado de Ashby, passa pela memorável personagem (alvo de exclusão racial) de Da’Vine Joy Randolph, a bedel dirigente de refeitório escolar Mary Lamb. Da’Vine já papou o Globo de Ouro de Melhor Coadjuvante por essa figura maternal, que traga um cigarro atrás do outro, e tem tudo para sair oscarizada do Dolby Theatre em 10 de março, na festa da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. A doída figura de Mary Lamb é o istmo que une a ilha Payne ao arquipélago cinéfilo de histórias sobre fracassados profissionais contadas por Ashby.

Ao falar deles, na forma de comédias tristes, a arte cinematográfica enxerga heroísmo naquilo que o American Way Of Life desconhece: a aceitação de que nem sempre se pode ter o que se quer, mas sempre é possível conseguir o que nos é essencial.

No caso de “Os Rejeitados”, fotografado em tons cinzentos e pastéis por Egil Bryld, e editado na plena busca por peripécias pelo montador Kevin Tent, a essência da harmonia está na amizade. Uma família um bocado disfuncional – como eram as famílias de Ashby – se forma quando uma lambança de Angus Tully obriga o estudante a passar as festas de fim de ano – em 1970 – no campus de seu colégio interno (a Barton Academy), uma vez que sua mãe não parece afoita para vê-lo. A postura ética de absoluta severidade de Hunham faz com que seus superiores condenem o professor a passar o Natal cuidando de Tully. Fato é: não há ninguém que espere esse educador para comer o peru e o arroz com passas natalino. Diante do luto e das asperezas de um país racista, Mary Lamb também fica com eles, ainda que parcialmente. E tome-lhe aprendizado... Os três vão para a rua bater pé, (re)viver.

Desde “Easy Rider” (1969), o espectro que guia os caminhos da Nova Hollywood é o “pé na estrada”, ou seja, as narrativas on the road. Fiel a tal espírito de Natais audiovisuais passados, Payne põe os personagens criados pelo roteirista David Hamingson para andar, mais ou menos como Ashby fez com Sellers em “Muito Além do Jardim”. O resultado dessa travessia é um poema agridoce sobre as raspas e os restos de afeto que, na fome do dia a dia, tornam-se banquetes.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Babaioff excursiona com espetáculo na Europa

Armando Babaioff prepara livro e documentário sobre peça

Armando Babaioff vai transformar a experiência de sua turnê pela Europa com “Tom na Fazenda” em um livro e um documentário. Nos próximos cinco meses, ele e o elenco da peça, formado Denise Del Vecchio, Gustavo Rodrigues e Camila Nhary se apresentam em 28 cidades, de três países diferentes: Suíça, Bélgica e França.

Ainda sem data de lançamento, o documentário, que será disponibilizado nas redes sociais, será dirigido pelo cineasta Vítor Novaes. Já o livro será um diário de bordo da viagem, mas não só: o objetivo é que as duas obras provoquem um debate sobre o que é ser um ator brasileiro e o que é fazer teatro no Brasil.

Luto na música

Morreu nesta quarta-feira (17) o baterista Rui Motta, que havia tocado com nomes importantes da música brasileira, em especial com a banda Os Mutantes, aos 72 anos. A informação foi divulgada em seu perfil oficial nas redes sociais.

Bafta vem aí

Maior premiação britânica de cinema, o Bafta anunciou os indicados à sua 77ª edição, que acontece no dia 18 de fevereiro. “Oppenheimer” e “Pobres Criaturas” saíram na frente, com 13 e 11 menções cada um, respectivamente.

Guinada

Gisele Bündchen expõe nas redes sociais seus hábitos saudáveis: práticas de ioga, meditação e jiu-jitsu. Contudo, a modelo nem sempre foi assim. Em entrevista à Harper’s Bazaar, ela contou como era a sua rotina aos 20 anos.

Guinada II

Nos anos 2000, Gisele morava em Nova York e era uma das modelos mais fotografadas do mundo. Contou que, para manter-se em pé e animada, vivia de “cigarros, frapuccinos, pizza e vinho” até começar a ter ataques de pânico.



Lazer para todos em Ipanema

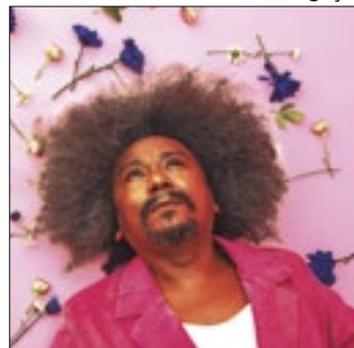
Claro Verão Rio ocupa a Casa de Cultura Laura Alvim com shows, games e até salão de beleza

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Depois dos fogos do réveillon, do fim de semana com chuvas devastadores, nos resta aproveitar o que o verão nos oferece de melhor. Um dia de verão, depois do sol, da praia, do trabalho, do chope, virar um personagem de Ipanema é um ótima opção. E poder ocupar a tarde com as crianças e relaxar com massagens, salão de beleza. Afinal, é a beleza que existe.

A quarta edição do Claro Verão Rio ocupa a Casa de Cultura Laura Alvim, em frente à praia de Ipanema, com uma programação diversificada e gratuita para toda

Ana Lefaux/Divulgação



Chico César abre nesta sexta-feira a programação musical do Claro Verão Rio na Casa Laura Alvim

a família. Entre os dias 19 e 28 de janeiro, o público terá acesso a games de realidade virtual, salão de beleza, massagem, Espaço Kids e outras atividades na parte da tarde. À noite, é a vez de artistas consagrados subirem ao palco com vista para o cartão postal mais exuberante da cidade. Neste fim de semana tem Chico César (19), Planta e Raiz (20), Raimundos (21) e Céu (22).

O Claro Verão Rio tem atividades diferenciadas nos três andares da Casa de Cultura Laura Alvim. O primeiro andar mistura criatividade e tecnologia, com um Espaço Kids

dedicado ao lúdico. Está instalado o Xbox One, com o jogo Just Dance para os pequenos se divertirem em grupo. No segundo andar, das 14h às 20h, a sala de Saúde e Bem Estar vai atender o público com estações de maquiagem, penteados, barbearia e massagem. O serviço é gratuito e por ordem de chegada. A Sala Claro Gaming vai disponibilizar Xbox Series X, PlayStation 4, Playstation com Realidade Virtual e PC Gamer.

Ainda no segundo andar, a Sala 5G+ vai oferecer uma experiência com óculos de Realidade Virtual e um jet ski, em que o público também pode acompanhar o trajeto do jogador por meio de um telão de led. Para testar a memória dos participantes, o jogo de agilidade Genius Serviço Claro vai estar disponível. Na Sala Instagramável, o evento conta com uma exposição com globos espelhados para registros do momento em cliques.

O público do evento está convidado a doar alimentos não perecíveis, produtos de higiene pessoal e materiais de limpeza. Além disso, a Casa será ponto de coleta de doações, formando uma grande rede de solidariedade. A ação faz parte do Verão Solidário.

SERVIÇO

CLARO VERÃO RIO 2024
Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema) | De 19 a 28/1
Entrada franca, por ordem de chegada (sujeita a lotação)

Relembrando o rei do samba-canção

Ana Costa e Áurea Martins voltam a cantar Jamelão

Cantoras versadas na arte do samba, Ana Costa e Áurea Martins coltam a se reunir neste sábado no palco do Teatro Adolpho Bloch, para apresentar o show “Um tributo a Jamelão”, com repertório recheado de sucessos do inesquecível intérprete.

A ideia do espetáculo, que estreou em 2020, foi de Áurea

Martins, que sonhou com Jamelão e resolveu fazer um show em homenagem ao rei do samba-canção. Convidou, então, Ana Costa, com quem, havia muito tempo, tinha vontade de dividir o palco. Ana, que também já cantou em orquestras, aceitou de imediato o convite. Juntas prepararam um show com repertório baseado nas canções immortalizadas por Jamelão. Combinando a vivência de cada uma, Áurea vai cantar a canção, e Ana, o samba.

No repertório, estão belos clássicos do cancionário de Jamelão, que nasceu José Bispo Clementino de Jesus e morreu em



Ana Costa e Áurea Martins celebram juntas o repertório immortalizado por Jamelão

2008. No repertório, sucessos como “Folha morta”, “Matriz ou filial”, “Ela disse-me assim”, “Cadeira vazia”, “Maria Rosa”, “Loucura” e “Esses moços”. Além de dois sambas eternizados na voz do Jamelão que homenageiam sua escola de coração: “Hino de

exaltação à Mangueira” e “Piano na Mangueira”.

Áurea Martins e Ana Costa apresentam-se acompanhadas de um trio formado pelo pianista Itamar Assiere, pelo baixista Ivan Machado e pelo baterista Diego Zangado. Assiere assina também

Divulgação

a direção musical e os arranjos que dão ao show um nobre e moderno resultado para canções tão clássicas. E assim as cantoras transportam a plateia para o clima das casas noturnas de música e jazz e para as grandes gafieiras – templos da música dançante nas noites boêmias cariocas.

“Em linhas gerais, o samba-canção faz uma releitura mais elaborada na melodia – enfatizando-a – e possui um andamento moderado, o mais lento dentro das vertentes do moderno samba urbano, centrado em temáticas de amor, solidão e na chamada dor de cotovelo”, explica Áurea.

SERVIÇO

ANA COSTA E ÁUREA MARTINS - UM TRIBUTO A JAMELÃO

Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória) 20/1, às 16h

Ingressos: R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Metal sinfônico

Um dos maiores nomes do metal sinfônico faz sua estreia em terras cariocas. Neste domingo (21), a banda finlandesa Apocalyptic, que ganhou fama mundial com um álbum tributo ao Metallica com versões tocadas em violoncelos, chega ao palco do Circo Voador. No repertório, além dos covers, o grupo mostrará as músicas do seu nono trabalho de estúdio, o bem-sucedido “Cell-0”, e clássicos autorais de mais de 30 anos de estrada.

Henrique Alqualo/Divulgação



Como uma deusa

Rosana sobe ao palco do Teatro Rival Petrobras nesta sexta-feira (19) com seu show “Vários tons”. No repertório, clássicos da MPB e do pop internacional, além, claro, dos sucessos da artista, como “O amor e o poder”, “Nem um toque” e “Direto no olhar”. Também vai ter novidade! Rosana apresentará as canções de seu novo álbum, “Feitiço”, uma jornada pop/soul empoderada que também faz órbita no R&B, na disco music e no trap.

Divulgação



Bailão de jazz

Evocando a atmosfera dos salões de dança dos loucos anos 1920, a banda Swing Spots traz de volta ao Manouche neste sábado (20) todo o glamour e agitação das festas de jazz em mais uma edição do baile de vintage jazz. A Swing Spots surgiu da vontade de animar pistas de baile e se dedica a escolher a dedo as músicas mais dançantes e variadas da família do swing: do swing jazz ao blues, passando pelo boogie e o gypsy.

Divulgação



Samba com elas

O dia de São Sebastião, padroeiro do Rio, marca a estreia da Feijoada do Rival, com Dorina e o grupo Mulheres na Roda de Samba, formado por Roberta Nistra (direção musical e cavaquinho), Dayse do Banjo (banjo), Katia Preta Nascimento (trombone), Jojo (surdo), Rapha Morret (pandeiro e tantã), Mari (pandeiro), Jessica Nepomuceno (bateria), Aline Colombani (violão), Sandra Negretty (tantã) e Fabi Souza (caixa).

Elton John, o papa-prêmios

Na última segunda-feira (15), Elton John firmou-se ainda mais como um astro global e se juntou ao grupo de elite de vencedores Egot (acrônimo de Emmy, GRAMMY, Oscar e Tony Awards, os mais importantes prêmios da indústria de entretenimento dos Estados Unidos) de Hollywood após vencer o Emmy de Melhor Especial de Variedades Ao Vivo por seu especial do Disney+ de 2022 “Elton John Live: Farewell from Dodger Stadium”.

“Sinto-me incrivelmente honrado por me juntar ao grupo incrivelmente talentoso de vencedores do Egot. A jornada até este momento foi repleta de paixão, dedicação e apoio inabalável de meus fãs em todo o mundo. Esta noite é uma prova do poder das artes e da alegria que elas trazem para todas as nossas vidas. Obrigado a todos que me apoiaram ao longo de minha carreira, sou incrivelmente grato”, agradece o cantor e compositor britânico.

O show histórico de três horas, transmitido ao vivo pela Disney Branded Television e produzido pela Fulwell 73 e Rocket Entertainment, proporcionou ao público

Ao conquistar o Emmy, cantor junta-se a um seleto grupo de 24 artistas que detêm também o Oscar, o Grammy e o Tony

do Disney+ um lugar na primeira fila para assistir à performance eletrizante e lendária de Elton em sua despedida da América do Norte.

Artistas, animadores e convidados especiais, juntamente com um estádio lotado de fãs e admiradores em todo o mundo, celebraram o momento épico de uma lenda da música completando seu ciclo no Dodger Stadium. Foi uma das maiores despedidas de todos os tempos, prestando homenagem



Divulgação

à apresentação de Elton em 1975 que consolidou seu sucesso global.

Já tendo ganhado dois Oscars de Melhor Canção Original por “I’m Gonna] Love Me Again” (do filme “Rocketman”) e “Can You Feel The Love Tonight”, da animação “Rei Leão”, um Tony Award de Melhor Trilha Sonora Original por “Aida” e seis Grammy Awards ao longo de sua carreira, incluindo o Grammy Legend Award (que

Elton conquistou o Emmy com seu especial de três horas produzido para a Disney+

celebra o conjunto da obra de músicos), Elton John entrou para o círculo exclusivo de apenas 24 estrelas que alcançaram as maiores honras de Hollywood.

E ainda há prêmios como o Brit de Melhor Artista Masculino Britânico, e introduções ao

Rock and Roll Hall of Fame e ao Songwriters Hall of Fame, ao Kennedy Center Honor, Legend of Live Award, 13 Ivor Novello Awards e um título de cavaleiro concedido pela Rainha Elizabeth II por “serviços prestados à música e serviços de caridade”.

As conquistas da carreira de Elton seguem insuperáveis em sua amplitude e longevidade. Elton é um dos artistas solo de maiores vendagens de todos os tempos. Somente nas paradas do Reino Unido e dos Estados Unidos, ele tem um certificado de diamante, 33 álbuns de platina ou multiplatina e 22 álbuns de ouro, além de mais de 85 hits no Top 40. Ele vendeu mais de 300 milhões de discos em todo o mundo. O artista detém o recorde de single físico mais vendido de todos os tempos, “Candle in the Wind 1997”, que vendeu mais de 33 milhões de cópias.

Não bastasse sua grandeza, Elton John é um campeão de cidadania. Sempre um defensor incansável de novos artistas, após o Brexit, Elton tem sido uma das principais vozes no lobby junto às autoridades para que artistas jovens tenham o direito de fazer turnês pela Europa sem visto na Europa.

CRÍTICA / DISCO / SE EU TE ETERNIZAR

O cantar de Olivia Hime

Por Aquiles Rique Reis*

Olivia Hime acaba de lançar “Se Eu Te Eternizar” (Selo Sesc), no qual canta 12 músicas de seu companheiro de vida e música Francis Hime. São composições em parceria tanto com ela própria quanto com Zélia Duncan, Thiago Amud, Chico Buarque, Paulo César Pinheiro, Cacaso e Geraldinho Carneiro.

O álbum, produzido por Paulo Aragão, traz participações especiais de Zélia (ela que escreveu belo texto pro encarte, além de breves comentários sobre cada uma das músicas), Dori Caymmi, Sérgio Santos e do Quarteto Maogani – Carlos Chaves (violão requinto), Diogo Sili e Marcos Alves (violão) e Paulo Aragão (violão de 8 cordas).

Francis, o diretor musical do disco, tocou piano e fez arranjos, verdadeiras declarações de amor, e contou com instrumentistas capazes de entender as canções e muito bem tocá-las, como Sammy Fuks (flautas), Igor Carvalho (clarinete), Cristiano Alves (clarone e clarinete), Aquiles Moraes (flugel e trompete), Hugo Pilger (cello), Kiko Freitas (bateria), Luciana Rabello (cavaquinho), João Camarero e Paulo Aragão (violão), Jorge Helder (baixos elétrico e acústico), Marcus Thadeu (percussão), Cristina Braga (harpa), Aloysio Fagerlande (fagote), Pedro Amorim (bandolim), Mauricio Carrilho (violão de 7 cordas) e Gabriel



Divulgação

Grossi (gaita), além das cordas da Orquestra de Estúdio de São Petersburgo.

O álbum contou ainda com a competência dos técnicos do Estúdio Biscoito Fino: Lucas Ariel (engenheiro de som), Pedro Mesquita, Jerônimo Orselli e Wallace Araújo (assistentes de gravação), Gabriel Pinheiro (mixagem) e

Luiz Tornaghi (masterização).

Agora lhes digo que estou aqui ensimesmado a ouvir Olívia cantar. Daqui eu escuto o ato de solidariedade à beleza de uma turma que se comove com a delicadeza. Enquanto o menino Deus chora em meu ombro suas lágrimas gentis e douradas, prenhes de amor à música... eu retribuo em soluços espasmódicos de afeição. Meus pés, cansados do caminhar, dão asas aos sonhos que vivo enquanto ouço Olívia cantar. Com os olhos abertos à música que brota de sua garganta, com a amorosidade exprimindo sentidos inexplicáveis, admiro Olívia.

Ao ouvi-la, desprego-me do chão que se abre e aponta ca-

minho. Como se saboreasse um pastel de Santa Clara, com o gosto recendendo a vinho, eu ouço Olívia cantar. Vendo o mentecapto fechar os ouvidos para não ouvir a voz de Olívia, sinto pena do tal (não do ex-presidente, claro, pois dele não sinto pena, muito menos falta), pois mentecaptos nunca saberão o que perdem ao não se darem aos cantares de Olívia.

Vejo o erê se esbaldar a festejar desabridamente, como é de sua natureza. E a voz de Olívia, em simetria com o meticuloso compasso, projeta no ar a candura de cantar – o cantar de Olívia! Louvo a ti e a teu “Se Eu Te Eternizar”, Olívia. Louvo também o Francis, que tem a ventura de respirar o mesmo ar que suspiras no canto do teu aconchego.

CRÍTICA / LIVRO / GILBERTO BRAGA, O BALZAC DA GLOBO

Márcio Nunes/Divulgação TV Globo

Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

Início de ano, temperaturas extremas planeta a fora, calor de esturricar a alegria no Rio de Janeiro. O desejo é parar o tempo, esquecer que a cada canícula vêm temporais e desastres nestes tristes trópicos. Nesta estação abafada, o alívio refrescante chega na biografia de um criador de histórias cariocas, “Gilberto Braga, o Balzac da Globo” (Intrínseca, R\$ 122), pesquisa iniciada pelo saudoso Artur Xexéo e concluída por Maurício Stycer.

Autor de telenovelas e minisséries acompanhadas com fervor por espectadores de todo o país, Gilberto Braga não era nascido, mas foi criado na Zona Sul do Rio de Janeiro, o rincão mais cobiçado de uma cidade. A antiga capital da Colônia, Reino, Império e República manteve o status de epicentro cultural do Brasil, ao menos para os que nela vivem.

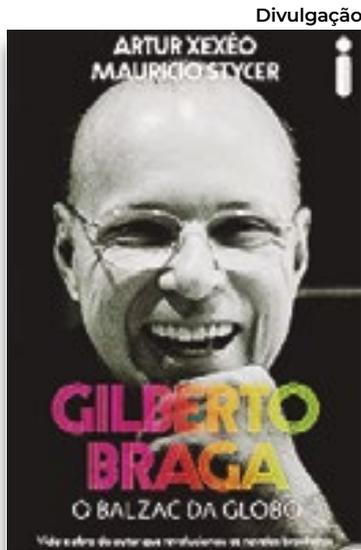
Essa arrogância carioca, característica de sua população, era captada com fina ironia por Braga, que teve diversas ocupações antes de se firmar como escritor. Fez crítica teatral, foi repórter e professor de francês antes de dar vida a personagens exuberantes que povoam o imaginário brasileiro, inspirados em situações reais. Definia-se como apolítico, mas com Vale tudo, levou a crise econômica e corrupção para a teledramaturgia. As recordações da juventude na ditadura estão alinhadas em Anos Rebeldes, transmitida pela TV Globo durante o processo que culminou com um impeachment presidencial.

O subtítulo do livro se refere à crônica do cotidiano de ricos e da classe média que Gilberto Braga retratou em seus trabalhos televisivos. Apresentou-se uma vez a um francês como escritor de folhetins, desmerecendo seu próprio crédito como autor. O domínio do folhetim era comprovado pelo sucesso de público experimentado a cada nova peça, com exceção da última novela, Babilônia, de baixa



Parte dos dramas foram levados para o trabalho autoral de Gilberto Braga, como revela a biografia

O cronista dos trópicos



audiência. Sua história de família era marcada por tragédias: o avô, em surto psicótico, matou a avó e cumpriu pena perpétua no Manicômio Judicial; a mãe, depressiva,

suicidou-se.

Parte desses dramas foram levados para o trabalho autoral, notabilizado pela fidelidade em retratar figuras da alta sociedade, que conheceu quando dava aulas particulares de francês em endereços aristocráticos da orla carioca. Mulheres fúteis, cortesãs, empresariado vilanesco e anti-heróis sem um pingo de caráter se sobressaíam em tramas ousadas que privilegiavam a vitória do bem contra o mal, mas permitiam a famosa fuga de um pilantra interpretado por Reginaldo Faria, dando uma ‘banana’ para a costa brasileira na janela do avião que o leva para fora do país. Era uma das cenas finais de Vale tudo, um marco na TV brasileira ao mos-

trar que a adaptação moral de personagens nem sempre de caráter firme. A novela trouxe ainda Beatriz Segall na pele da arquivilã Odete Roitman, dona de uma empresa de aviação, sem qualquer empatia pelos pobres e sempre pronta a menosprezar os hábitos ‘tupiniquins’. A seu lado brilhava Glória Pires, uma jovem que vende a casa da mãe para financiar sua ascensão social, casando-se por interesse com um herdeiro bobalhão, mantendo um caso extraconjugal com um garoto de programas.

O jornalista Artur Xexéo gravou diversas entrevistas com Gilberto Braga, em 2019. Colhia depoimentos de outras pessoas para compor o livro, quando, em

2021, morreu repentinamente de parada cardiorrespiratória. Gilberto Braga pediu a Maurício Stycer que continuasse o trabalho de Xexéo. Exatamente quatro meses depois da morte de Artur Xexéo, Gilberto falecia de infecção generalizada e abrupta, aos 76 anos. Percorrendo os caminhos indicados por Xexéo em suas anotações, Daniel Stycer homenageia o veterano colega na apresentação do livro, do qual faz questão de se considerar coautor. Apenas um capítulo já estava concluído por Xexéo, o que narra a disputa de Gilberto Braga pelo posto de principal crítico de teatro do jornal O Globo, Martim Gonçalves, nos anos 1970. Um duelo travado lentamente e vencido, anos mais tarde, por Gilberto, que usou da mesma tenacidade e elegância de suas personagens. Do livro ainda se sobressai o Rio de Janeiro, cenário onde Braga emoldurou tantas histórias, sem esconder o crescimento da violência e a cristalização da desigualdade social, com o afastamento cada vez maior entre ricos e ‘os outros’.

Paulo-Roberto Andel

Barão, Barão

Revedo “Por que a gente é assim?”, o documentário do Barão Vermelho. Acho que é a quinta ou sexta vez. Bom demais. Vale a pena ver mil vezes.

Sensacional ter visto tudo desde o começo, começo mesmo: voltando do Maracanã de 434, passando pelo Passeio Público, a Escola de Música da UFRJ, vinha a boate Holigay e na porta uma plaquinha: “Hoje - Barão Vermelho”. Ninguém conhecia. Depois, as rádios tocavam “Pro dia nascer feliz” sem parar. Minha mãe adorava o Cazuza. Ele era monstruoso.

Depois de vários shows, vi o poeta muito louco no Leblon duas vezes, achei “Declare guerra” muito phoda, achei sensacional Frejat gravar. Gostava dos dois trabalhos, o da banda e de Cazuza. Não quis ir ao show do Caneção porque me entristeceu saber que ele estava bem doente. Deveria ter ido, mas eu tinha 20 anos, não estava preparado para perder ídolos. Nunca estamos para perder ninguém, talvez. E Cazuza morreu num sábado, dia 7 de julho, dia do maior de todos os shows da Legião Urbana, parando toda a zona sul engarrafada com o Jockey lotado.

Eu estava lá na chuvarada quando eles abriram pros Rolling Stones em 1995. Que noite! Fui nos dois dias por sorte: no segundo show, o Luizinho tinha um ingresso sobrando e me deu. Foi demais. Fausto Fawcett tava na pista, Claudia Abreu também, linda, pequenininha. Aquele primeiro semestre foi um dos melhores da minha vida.

Um belo dia, encontro Manu no Mercadinho. Tomamos chopes e tals, aí ela me disse que o Barão ia lançar uma música maneira dentro de um mês e cantou pra mim: “Ela é puro êx-taseeeeeee”. Demais.

Em 2005 o Guto Goffi apareceu numa situação das brabas: meu amigo Xuru tinha descido da UTI do INCA para o quarto, foi lá na visita. Bela atitude. Eu olhava pra roda punk de 1992 e lembrava que já tinha 13 anos. Não se pode ganhar todas. O Guto também estava lá no enterro. E sobrou pra mim a fala sobre o Russo, com a capela cheia de gente. Pelo menos Cler estava lá e fez suas galhofas: “Caraca, tem seis ex agora do lado do caixão, isso é um esculacho”. A gente riu, mas doeu pacas. Dói até hoje.

Anos depois, fiquei fã do Mauro Santa Cecília, que é um poeta monstruoso, mas não exatamente por isso e sim pelas crônicas dele na Revista Programa do JB. Que saudade comprar o jornal das sextas-feiras! Enfim, mantivemos contato por anos via internet e um dia nos abraçamos. Tenho um livro inédito que tem que sair, sobre a Copa de 2018, onde o Mauro participa e também o Rodrigo Santos, que ficou duas décadas no Barão e é campeão brasileiro de shows, agora relançando o Front!

Peninha morava aqui perto. Cumprimentava todo mundo, tava sempre na feira e no Mundial, era uma simpatia. Devia estar por aqui até hoje.

Torci pacas para que a banda continuasse e deu certo. Acho que o Suricato ficou muito bem mesmo. Preciso ter o “Efeito Borboleta”, CD ótimo do Rodrigo com Fernando Magalhães. O álbum mais recente do Guto Goffi também. E claro, o Barão físico.

Enfim, de todas as bandas consagradas dos anos 1980, o Barão Vermelho é a que eu mais estive perto como fã desde garoto e minimamente também pelos encontros da vida.

Uma usina ambulante de risos

Divulgação



Rafael Portugal: ‘Desde criança, sou profissional da arte’

Comediante Rafael Portugal dá sequência ao Festival Humor Contra-Ataca com apresentação nesta sexta no Qualistage

Se você acha que já riu de tudo, vai se surpreender com Rafael Portugal. O ator de “A Culpa é do Cabral” no Comedy Central, Porta dos Fundos e ex-apresentador do quadro de humor do Big Brother Brasil, CAT BBB apresenta no seu espetáculo inédito “Eu Comigo Mesmo” nesta sexta-feira (19), a partir das 21h, dando sequência ao Festival Humor Contra-Ataca, em cartaz no Qualistage, que reúne grandes nomes do gênero.

Rei do improviso, Portugal vem da Zona Oeste carioca, de

Realengo, embora cite Magalhães Bastos também como parte de sua gênese. Nasceu por ali há 38 anos e sopra sua 39ª velinha de aniversário no dia 15 de fevereiro. Diz ter 38 anos de carreira também, numa brincadeira com sua prolífica disposição para arrancar risos do público que o acompanha desde seu sucesso no Porta dos Fundos, a partir de 2016.

“Desde criança sou profissional na arte”, brinca Portugal, lembrando que estreou profissionalmente na Lona Gilberto (hoje Arena Cultural), lá pe-

los 15 anos. “A lona salvou a minha vida e mudou a minha história”, disse ao repórter Rodrigo Fonseca, apontando a relevância desse aparelho cultural para a formação artística das periferias do Rio.

Rafael conta um pouco das histórias mais engraçadas que aconteceram em sua vida, como por exemplo quando ele se alistou no exército e não tinha nenhuma noção do que iria acontecer lá dentro; de quando era adolescente e passava o dia na casa de praia. E como morador da Zona Oeste, não podiam faltar as histórias que aconteciam dentro do trem. Essas e outras histórias contadas com muita irreverência e descontração farão o público se identificar e morrer de rir.

Rafael Portugal possui uma conceituada carreira no teatro, TV e internet. Eleito pelo Prêmio F5 promovido pelo site de entretenimento da Folha o melhor humorista do ano 2020, e pelo Risadaria, um dos maiores festivais de Humor do mundo, como o Melhor Ator de Comédia de 2017. Além de sua atuação na TV, no cinema e na web, criou o canal IXI, com mais de 1 milhão de inscritos e mais de 30 milhões de visualizações.

O Festival Humor Contra-Ataca reúne as maiores feras do humor brasileiro, nomes como Flavia Reis, Yuri Marçal, Igor Guimarães, Fábio Rabin, Os Melhores do Mundo (que fizeram a estreia semana passada), contará ainda com Leandro Hassum, Nany People, Sérgio Mallandro, Paulinho Gogó, Rafael Portugal, Léo Castro, Babu Carreira e Rômulo Belotti, que integram parte do projeto que começou em 12 de janeiro e segue até 3 de fevereiro.

SERVIÇO

RAFAEL PORTUGAL - EU COMIGO MESMO
Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)
19/1, a partir das 21h
Ingressos: poltrona a partir de R\$ 80

CRÍTICA / TEATRO / PALAVRAS DE MULHER

Quatro ases e um coringa

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Existem pessoas que são iluminadas, resilientes, incansáveis. Veem o que o outro não nem percebe. Por isso vão para algum paraíso, ocupado por aqueles que lutaram, batalharam e brilharam, com a generosa exposição de seus talentos. É disso que trata Palavras de Mulher que reúne na biblioteca do céu quatro ases de nossa literatura, militância na política e na luta pela mulher: Eneida de Moraes, Carmen da Silva, Clarice Lispector e Hilda Hilst.



Divulgação

A direção alcança um patamar que destaca a atuação das atrizes

Em um ambiente que lembra uma biblioteca, com vários textos pendurados, formando um enorme móbil, chegam as quatro atrizes: Izabella Bicalho (Eneida), Stella Maria Rodrigues (Carmen), Clarice Laura

Proença (Clarice) e Helga Nemetik (Hilda) em extraordinárias figurinos do premiado Wanderly Gomes. Wanderley consegue de uma tacada só definir a personalidade e o tipo de obra de cada uma. E ainda por cima, as

roupas, os sapatos, as bijoux são daqueles que queremos levar para casa.

A estrutura dramática de Rachel Gutiérrez, a autora, são as quatro, em um clima de intimidade, fumando e bebendo, falando de suas vidas, lendo trechos da obra de uma das outras presentes. É a direção de Sergio Fonta que alcança um patamar que destaca a atuação das atrizes, assim como o diálogo que ressalta a altíssima qualidade dos textos de cada uma.

A experiência afetiva, o encontro de almas, mulheres que possuíam um talento absurdo mostram à plateia um elenco afinado, mas acima de tudo como uma aparente colcha de retalhos é um quadro bem pintado ou um maestro (Sergio Fonta) rege um quarteto de cordas que nos traz uma sinfonia de poesia emocionante.

SERVIÇO

PALAVRAS DE MULHER

Teatro Candido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 - Ipanema)

Até 21/1, às quartas-feiras (20h), sábado e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 35 e R\$ 17,50 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Volta de Olga del Volga

“Quem tem medo de Olga Del Volga”, com Gustavo Klein e direção de Gilberto Gawronski estreia na Turma OK, na Rua dos Inválidos. O espetáculo revisita a obra de Patrício Bisso, ator, figurinista, ilustrador e colunista, nascido em Buenos Aires e que chegou ao Brasil bem jovem. Atuava em espetáculos underground e em veículos de como Olga del Volga, a sexóloga e conselheira sentimental russa, ferina nos comentários. Enfrentou a censura e fez sucesso tão grande que levou a personagem ao cinema e à teledramaturgia.

Mari Marques/Divulgação



Divulgação

Nadar contra a corrente

A violência doméstica e moral vivida por mulheres reais está no cerne do solo “Peixes”, escrito, dirigido e interpretado por Ana Regis. A peça tem como fio condutor a personagem Cláudia, professora de 52 anos que sofreu violências doméstica e moral. Em uma consulta médica num manicômio judiciário, ela conta como rompeu com o ciclo de violência do qual fazia parte. São memórias que transitam entre o humor, o lirismo e a intensidade. A peça está em cartaz no Sesc Copacabana, de quinta a domingo, às 19h, até 4 de fevereiro.



Divulgação

Dercy, a maior

A Festa da Comédia Carioca recebe o premiado monólogo “Nasci pra ser Dercy” estrelado por Grace Gianoukas, no Teatro Prio. Escrita e dirigida por Kiko Rieser e com voz off de Miguel Falabella, a peça está em cartaz de 19 a 21 de janeiro. O espetáculo mostra a importância da maior comediantes brasileira Dercy Gonçalves para o cenário do teatro nacional, ao romper padrões e ser uma grande defensora da liberdade feminina e do respeito a todas as formas de existir em meio a contextos de repressão, como a ditadura civil-militar. Ingressos no Sympla.

Alguma coisa acontece

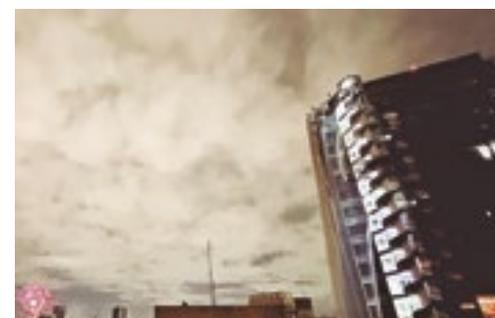
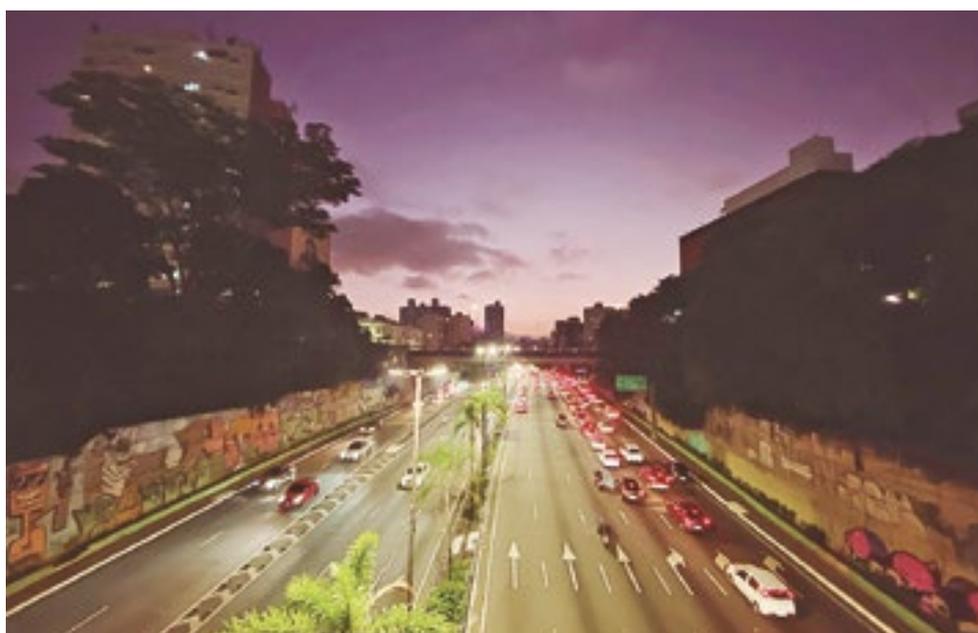
O coração pulsa, ainda pulsa, pulsa mais forte percebendo as quatro estações que acontecem em um mesmo dia, algumas vezes, ao mesmo tempo. É a cidade de Adoniran com raios e trovoadas, um arco-íris encantador, o sol pungente refletido na massa de vidro e aço e a garoa que teima em salpicar as ruas e avenidas como estrelas que, talvez, a densa fumaça não deixe transpassar.

Caetano que me perdoe, mas 'a mais completa tradução' não tem apenas a maravilhosa e fantástica Tia Rita, os Mutantes voando em incríveis cometas país dos Bauers e a conjunção de Ipiranga e São João. A cidade se traduz em muito mais, se revela no samba de Adoniran, no grito por liberdade a Chaguinhas, na madrinha Eunice em seus primeiros acordes do autêntico samba paulistano, no padre Júlio Lancellotti e seu eterno querer bem ao próximo, no Cemitério da Consolação e seus modernistas, sua arte cemiterial, no tomahawk do Sujinho, nas compras no Mercado da Lapa e no Mercado de Pinheiros, no passeio, aos sábados, pela Benedito Calixto, na Paulista aos domingos.

A cidade é ímpar em seus pares, é singular em sua pluralidade, tem um sabor misto de nacionalidades, tem aromas da floresta e dos jardins do Ceagesp. Jaçanã, hoje, já é logo ali, o Ernesto não mora mais no Brás, o Germano Mathias não bate mais na caixa de fósforos... o Copan está sendo restaurado, viva Niemeyer! e o Anhangabaú ficou concreto, cinza-fumaça e sem graça. Dona Laura já não 'toca' a La Licorne e o Love Story gourmetizou.

Alguma coisa acontece no meu coração, quando São Paulo sorri para mim em um pôr do sol, numa chuva inesperada ou na 'árvore de Natal' formada pelas luzes do Copan ao cair da tarde.

Pura fotogenia.

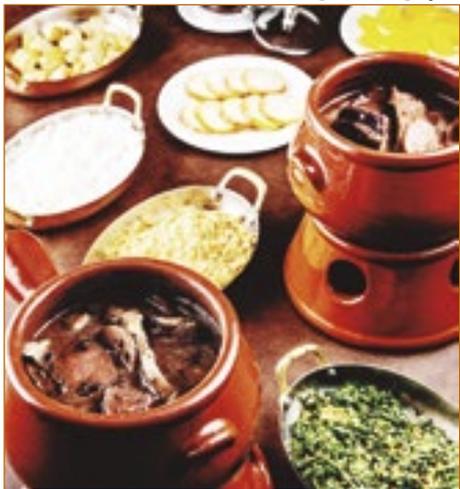


Tomas Rangel/Divulgação



Os Imortais

Tomas Rangel/Divulgação



Gajos d'Ouro

Guiga Lessa/Divulgação



Fuska Bar

Beto Roma/Divulgação



Xepa Bar

Coloca água no feijão

Veja um roteiro especial de feijoadas Carnavalescas

Por Natasha Sobrinho
 (@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

Está aberta definitivamente a temporada de feijoadas carioca. São vários os locais que vão servir o prato em ritmo de folia. Nos bares e restaurantes, em sua maioria, as feijoadas serão acompanhadas de programação musical, com muito samba. Confira abaixo a ótima seleção que o Correio da Manhã preparou para você:

AL FARABI - O bar e sebo no Centro, tem feijoada como prato especial, toda sexta-feira e sábado, além de servir em dias de eventos musicais. A feijoada completa (R\$58 - individual), é servida com carne seca, lombo, rabo, paio e linguiça, acompanhado de arroz branco, couve e laranja. No próximo dia 27, às 14h, além da feijoada, o samba toma conta da "Roda na Rua", protagonizada pela Flor do Samba, com o convidado Makley & Roda. Rua do Mercado, 34 - Centro. Tel: (21) 3553 1518.

ESCAMA - De sexta a domingo o restaurante de peixes e frutos do mar do Jardim Botânico oferece a feijoada de frutos do mar (R\$ 90 individual e R\$ 170 - 2 pessoas) com lula, polvo, mexilhão, peixe do dia, farofa de chorizo e cítricos de couve. Rua Visconde de Carandaí, 5 - Jardim Botânico. Tel: (21) 99753-6126.

FUSKA BAR 2 - Nos fins de semana, é servido no bar a tradicional feijoada. Ela vem com arroz, farofa, torresmo, couve e laranja (R\$ 42). E neste domingo (21), haverá uma roda de samba com o Grupo De Qualquer

Divulgação



Grand Hyatt Rio

Divulgação



Escama

Lipe Borges/Divulgação



Al Farabi

Maneira a partir das 13h. Rua Capitão Salomão, 52 A - Humaitá. Tel: (21) 2266-3621

GAJOS D'OURO - Sábado é sempre dia de feijoada no restaurante, em Ipanema. O reduto de culinária lusitana na cidade começa o preparo da receita dois dias antes, para cozinhar e ferver bem as carnes e separar as gorduras. Por lá, a feijoada (R\$ 195) é servida como manda o figurino com: arroz branco, farofa, torresmo, couve, laranja e

acompanhada de Caju Amigo, para refrescar. Rua Aníbal de Mendonça, 31 - Ipanema. Tel: (21) 3449-1546.

GRAND HYATT - No dia 27 de janeiro, o hotel recebe a Imperatriz Leopoldinense para uma feijoada temática. A Bateria Swing da Leopoldina e passistas da escola são presença confirmada. Na ocasião, soft drinks, cerveja, caipirinha, caipivodka, aperol spritz e gin tônica estão inclusos (adultos R\$ 385, adolescente de 13 a 17 anos R\$ 288,75, crianças de 6 a 12 anos R\$ 192,50 e menores de 5 anos não pagam). É necessário reservar antecipadamente. Av. Lúcio Costa, 9600 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 3797-9524.

OS IMORTAIS - O bar, em Copacabana, está com várias opções de almoço nos fins de semana e a clássica feijoada tem presença obrigatória no menu nessa época do ano. Ela vem com arroz branco, farofa, torresmo, couve e laranja (R\$ 60- 1 pessoa, e R\$110 - 2 pessoas). No Carnaval, a feijoada será servida todos os dias: de sábado a quarta-feira de cinzas, a partir das 12h. Rua Ronald de Carvalho, 147 e 154 (anexo) - Copacabana. Tel: (21) 3563-8959.

XEPA BAR - O bar, em Botafogo, incluiu a famosa feijoada da casa, que só é servida em dias de samba no local, para ficar disponível todos os sábados e domingos, do dia 20 de janeiro até o último dia de Carnaval. Ela é oferecida na versão individual (R\$ 45) ou para duas pessoas (R\$ 65). E acompanha arroz, couve, farofa, torresmo, laranja e uma dose de cachacinha. No dia 28 de janeiro, domingo, junto com a feijoada a casa realizará o Samba da Lua Cheia de verão do Xepa. Arnaldo Quintela, 87, Botafogo. Tel: (21) 99869-4769.

Quando a paisagem entra no menu

Joca Vidal/Divulgação



Páreo

Conheça seis restaurantes com vista de cartão postal do Rio

Cheia de encantos mil, a Cidade Maravilhosa tem como um de seus principais ativos a vista, uma vista de cartão postal. Seja para o mar ou para áreas verdes e bucólicas, cariocas e turistas têm demonstrado preferência por estar sempre nesses espaços onde a beleza da cidade fica à mostra, principalmente no verão escaldante. Entre as opções para curtir uma bela vista, o Correio da Manhã destaca restaurantes encravados no verde do Jockey Club, no calçadão da orla carioca ou aos pés do Pão de Açúcar.

ASSADOR RIO'S - A casa tem uma das vistas mais privilegiadas da cidade, bem de frente para o Pão de Açúcar. Localizado no Aterro do Flamengo, é uma das principais casas de carne da cidade. O restaurante oferece cortes premium

preparados de forma impecável, como assado de tiras, picanha, carré de cordeiro, T-Bone (corte com osso do filé mignon e contrafilé), entre uma variedade de carnes suculentas servidas à vontade. Complementando o churrasco, guarnições como farofa de ovos, cebola à dorê, polenta frita e aipim cozido estão em uma lista com quase 20 alternativas. Av. Infante Dom Henrique, s/nº - Aterro do Flamengo. De segunda a sábado (12h às 23h30) e domingos e feriados (12h às 21h). Tel: (21) 2018-3235 ou (21) 99016-3970

BALEIA RIO'S - Recém inaugurado na cidade, é vizinho ao irmão Assador, também no Aterro do Flamengo, mas com uma vista de um outro ângulo, de frente para a Baía de Guanabara, de onde se vê Niterói em uma varanda aprazível. Destino perfeito para o carioca e turistas que desembarcam no Santos Dumont. Tem cardápio mediterrâneo assinado pelo chef Bruno Barros. Entre as boas pedidas, o Robalo Santorini (R\$ 118), com espaguete de abobrinha com pesto de manjeriço; o Bacalhau confit (R\$ 178), ao forno com batata, brócolis, pimentão e azeitona; e o Peixe do dia crostato (R\$ 220 - valor por kg), assado na crosta de

Divulgação



Baleia Rio's

Divulgação



Qui Qui

sal grosso com escarola cremosa e bacon estão entre as opções de peixes. Há ainda massas artesanais, como o Tortellini com recheio de abóbora e molho de manteiga e sálvia (R\$ 98). Avenida Infante Dom Henrique s/nº - Espaço Baleia - Aterro do Flamengo.

Divulgação



Corrientes 348

Segunda a sábado (12h às 23h30) e domingos e feriados (12h às 21h). Tel: (21) 2018-3235 e (21) 99016-3970

CASA CAMOLESE - O espaço acaba de completar seis anos aos pés do Jardim Botânico, com vista para as pistas

Tomas Rangel/Divulgação



Assador Rio's

Divulgação



Casa Camolese

do Jockey Club e para o Cristo Redentor. Tem paisagismo acolhedor, que traz ícones da flora local para os espaços que recebem clientes no dia a dia e que também podem ser reservados para eventos. O cardápio é mediterrâneo-carioca, assinado pelo chef Jessé Valentim. Entre

os carros-chefes, o carpaccio al mare (R\$ 75), de camarão, polvo e lula com vinagre de uva verde e cítricos; as massas artesanais como o cavatelli al 'limone com cruído de atum marinado (R\$ 84); e o ancho grelhado com risoto de tomate seco e rúcula (R\$ 96). Outro destaque da casa são as cervejas artesanais produzidas no andar de cima do restaurante. Rua Jardim Botânico, 983. Segunda a quinta (12h às 23h), sexta e sábado (12h à 1h) e domingo (12h às 19h).

Tel: (21) 99790-6559

CORRIENTES 348 - A casa nasceu a partir do sonho de trazer um pouco da culinária argentina para o Brasil. Conhecida como uma das melhores steakhouses de São Paulo, o Corrientes 348 também encanta os cariocas com as suas duas unidades: uma na Barra da Tijuca, dentro no Rio Design Barra; e outra no polo gastronômico da Marina da Glória, com uma vista deslumbrante da cidade. Especializado em carnes argentinas, o Corrientes 348 oferece a autêntica 'parrilla' com cortes como Ojo del bife (miolo de contra filé, R\$ 188), Bife Ancho (corte de contra filé, R\$ 188), Lomito Light (filé mignon com alho e abacaxi grelhado, R\$ 177), Tomahawk (R\$

290), Salada Bariloche (Queijo de cabra, rúcula, damasco, amêndoas cristalizadas, com cebolas caramelizadas em aceto balsâmico e tomate (R\$ 80), Papatasso provençal (Batatas fritas ao murro com alho e salsinha, R\$ 59) e Panqueca doce de leite (com sorvete de creme, R\$ 47). Alguns pratos podem ser pedidos meia-porção. Marina da Glória (Avenida Infante Dom Henrique s/nº. Segunda a sábado e feriados (12h às 23h) e domingo (12h às 20h). Tel: (21) 2557-4027

PÁREO - Aqui é possível almoçar e jantar apreciando a Pedra da Gávea, o Cristo Redentor e o Morro Dois Irmãos, além da pista do Jockey Club. No Páreo, o cliente vivencia uma experiência completa: ambiente aconchegante e charmoso e um cardápio de primeira qualidade assinado pelo renomado chef Marcones Deus que comanda da cozinha os pratos inspirados na culinária brasileira. O menu também apresenta nobres cortes de carnes, pizzas e até comida japonesa. Entre as opções que fazem sucesso no restaurante, destaque para o mignon de sol com queijo coalho, croquete de macaxeira com catupiry, salada de feijão verde, couve e farofa de manteiga de garrafa (R\$ 92); língua ao

molho de jabuticaba com crocante de cebola roxa, purê de baroa e agrião (R\$ 74); camarão em crosta de tapioca ao molho de maracujá e arroz cremoso de queijo coalho (R\$ 144) e atum curado ao teriyaki de rapadura, cebolinha tostada, purê de macaxeira e croutons de queijo coalho (R\$ 99). Para finalizar com chave de ouro, algumas apostas do chef são a banana da casa, lâminas de bananas caramelizadas sobre creme inglês e servida com sorvete de creme polvilhado com canela (R\$ 31); cuscuz de tapioca com baba de milho verde, chips de coco e sorvete de canela (R\$ 36) e mousse de chocolate meio amargo com tuile de castanha do Pará e coulis de cupuaçu (R\$ 38). Rua Mário Ribeiro, 410 - Leblon (Jockey Club Rio de Janeiro). De terça a quinta (18h à 0h), sextas e sábados (12h à 1h) e domingos e feriados (12h às 23h). Tel: (21) 2540-9017 / 99843-8813

QUIQUI - Localizado na Praia de São Conrado, o quiosque tem uma das vistas mais lindas da Cidade Maravilhosa, para a Pedra da Gávea. Lá é possível comer uma entradinha, saladas que são super bem-vindas nesse calorão, almoçar, provar um dos sanduíches da casa, ainda há menu kids para as crianças aproveitarem e as sobremesas. Isso sem falar na carta de bebidas, bem variada, desde água de coco à beira-mar até os drinks autorais. Como sugestão para curtir o visual, dar um mergulho no mar de São Conrado e degustar a gastronomia ímpar assinada pelo chef Francisco Nóbrega, a entrada: atum semi cru com vinagre de mel, gengibre e shoyu (R\$ 62), servido com espuma de raiz forte. Já na ala dos principais, destaque para o prato "Mar e Sertão" (R\$ 84), uma receita especial e que resgata memórias afetivas do chef, feita com risoto de baião de dois, lula, polvo e camarão, perfume de azeite trufado e pickles de maxixe. Para harmonizar com os pratos, a dica são as novas caipirinhas como a Caipirinha Especial de Uva com Manjeriço nas versões feita com cachaça artesanal (R\$ 28), com vodka (R\$ 32) e com sakê (R\$ 35). O cliente escolhe o que preferir e de "quebra" ainda desfruta de um pôr do sol incrível. Vale muito a pena a experiência! Av. Prefeito Mendes de Moraes s/nº, em frente ao nº 900, Praia de São Conrado. Terça e quarta (12h30 às 20h), quinta (12h30 às 21h30), sexta e sábado (12h às 23h) e domingo (12h às 21h). Reservas: (21) 99501-0209 ou pelo site www.quiquirio.com.br.

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha